

## **É preciso continuar pensando...**

O ano acadêmico 2020 mal havia começado. Os principais eventos das áreas teologia e filosofia já estavam agendados. Docentes e discentes já haviam combinado o conteúdo das disciplinas, a bibliografia, o método, as formas de avaliação. Os orientadores/as e orientandos/as já tinham agendado os primeiros encontros do ano para conversas sobre temas de pibic, monografias, dissertações, teses, grupos de estudos, etc. O primeiro semestre estava praticamente todo já pensado.

Decorria a terceira semana de março, quando, em questão de poucos dias, praticamente tudo o que fora pensado precisava agora urgentemente ser repensado. Nem tudo havia sido previsto. Um imprevisto maléfico de grandes proporções havia surgido e rapidamente ganhado o planeta inteiro: o Coronavírus.

É certo que a representação do advento de um bem futuro é o objeto da esperança, e nos faz avançar. Mas quando subitamente a representação dominante passa a ser a do advento de um mal, o que experimentamos já não é mais esperança, mas sim medo, temor e receio, que nos fazem parar, retroceder ou tentar mudar de direção na tentativa de evitá-lo. Mas o fato é que nenhuma dessas atitudes ante a eminência desse mal se mostrava razoável naquela ocasião. Parar ou retroceder em um mundo cujo imperativo vigente é o de avançar, acelerar, progredir, produzir e consumir (e que o "mundo acadêmico" não é exceção à regra), estava, em princípio, fora de questão; e mudar de direção só seria possível e teria sentido se tivéssemos um para-onde-ir seguro frente à ameaça, o que não era o caso dadas as proporções globais da epidemia, que não sem motivo deveria ser dita *pandemia*.

Era preciso continuar pensando....

Se não podemos simplesmente parar ou retroceder, e se o mal que nos ameaça, por ser *pandêmico*, não pode ser contornado, então deve-se perguntar se ele pode ser enfrentado e possivelmente vencido. Novamente a esperança nos representa um bem, desta vez sob a forma de um possível triunfo sobre (o) um mal. Motivada pela esperança, a razão prossegue no seu exercício reflexivo, explorando as possibilidades de tornar realidade o

bem que se espera; e não tarda a perceber que um primeiro passo lógico-fundamental para se poder derrotar um inimigo consiste em conhecê-lo bem, especialmente as suas fraquezas.

Naturalmente, nós, filósofos/as e teólogos/as, estamos de acordo de que um tal conhecimento é necessário. Mas é também neste momento que nos damos conta de que um tal conhecimento não se encontra nos manuais de teoria do conhecimento divino (onisciência divina) da teologia ou de teoria do conhecimento humano da filosofia. Tais “teorias do conhecimento”, apesar de sua grandeza teórica, manifestam nestes momentos sua “inutilidade”. A própria razão nos diz que seria um tanto ingênuo da parte do grande público alimentar a esperança de vencer a pandemia do Covid 19 depositando sua confiança nos teólogos/as e filósofos/as. À frente desta batalha estão os/as cientistas da microbiologia, da genética, da medicina especializada, como a infectologia, a virologia, a farmacologia, entre outros.

Mas era preciso continuar pensando....

Pensando em que medida essa inegável sensação de impotência trazida pela pandemia e sentida em diversos níveis da existência nos atinge, desfazendo, ou pelo menos questionando, aquela sensação de controle e determinação que até então havíamos cultivado. Pensando se o ritmo exploratório que havíamos imposto à natureza e seus recursos finitos ao seguirmos o imperativo do mercado capitalista neoliberal de produção e consumo não deveria ser seriamente questionado e repensado sob outros moldes. Pensando se aprenderíamos algo existencialmente relevante com a crise provocada pelo Coronavírus ou se, na hipótese de seu breve fim, simplesmente voltaríamos ao que tínhamos, ao que fazíamos e ao que éramos antes da crise. Pensando se a teologia e a filosofia não teriam muito mais a aprender com a ciência. Pensando se igrejas fechadas afetariam, ou não, substancialmente a criatividade e a liberdade do Evangelho e do Espírito. Pensando até que ponto as faculdades de filosofia fechadas afetariam substancialmente, ou não, o exercício do pensar criativo e livre da filosofia. Pensando se, neste momento, publicações de artigos em revistas especializadas sobre temas filosóficos e teológicos ainda encontrariam algum público leitor, já que este havia se voltado, espontânea e quase que exclusivamente, ao problema crucial que a todos assola, a pandemia.

Numerosos volumes de periódicos filosóficos e teológicos reconfiguraram os seus eixos temáticos de modo a abrir espaço à reflexão sobre essa nova situação e seus impactos nos diversos campos da vida e da sociedade de hoje e de amanhã. E isso é oportuno e mesmo necessário. Contudo, a nossa semestral *Revista Pensar*, criada com o intuito de divulgar os temas, questões, problemas, trabalhos de pesquisa dos estudantes, especialmente dos pós-graduandos dos cursos de filosofia e teologia, não se determina por um eixo temático estabelecido a priori pela sua equipe editorial. Nesse sentido, são os próprios estudantes que a cada semestre

manifestam através dela os temas de estudo e pesquisa com os quais eles estão envolvidos. Por isso, a diversidade de temas é uma das suas características, o que também significa que dificilmente os temas podem ser ordenados na forma de um eixo temático comum.

O fato é que ficamos, senão paralisados, em todo caso mais lentos. A impossibilidade dos encontros presenciais nas salas de aula reduziu drasticamente o contato pessoal com os estudantes. Estes, por sua vez, impossibilitados de frequentarem as bibliotecas se viram, por vezes, sem o material bibliográfico necessário ao avanço de suas respectivas pesquisas. Somente após a conclusão do semestre letivo é que começaram a chegar os primeiros artigos. Isso explica, pelos menos em parte, o atraso da presente edição de nossa *Revista Pensar* referente a este volume do primeiro semestre de 2020. Apesar de tais dificuldades, continuamos pensando...

O presente volume da *Pensar* se inicia com o artigo acerca do tema "o estado de natureza humana" segundo Thomas Hobbes. No estado de natureza (pré-social) a busca dos indivíduos pela realização dos seus desejos desemboca em conflitos, confrontos, violência e morte de uma das partes dos conflitantes. A passagem do estado de natureza para a vida em sociedade se dá por meio de um pacto social e uma consequente submissão da liberdade individual natural à lei do estado civil garantidora, em princípio, da segurança de todos. Quando o Estado não cumpre mais essa sua função, a característica conflitante e violenta do estado de natureza volta a se anunciar de diferentes formas.

O segundo artigo reflete o *ethos* capitalista neoliberal sob o viés de uma crítica à noção sacrificial da racionalidade que este modelo impõe na forma de uma idolatria ao mercado que, por sua vez, suplanta o valor ético da solidariedade. O capitalismo se desenvolveu como forma de religião do 'Deus'/Mercado que exige, em nome do equilíbrio financeiro, o sacrifício de vidas humanas - entenda-se dos mais pobres - para continuar existindo.

Os fundamentos para o livre-arbítrio segundo Tomás de Aquino é o tema do terceiro artigo. Partindo de uma perspectiva metafísica realista moderada, Tomás propôs um princípio fundamental para liberdade humana: a *premoção* divina, e apresentou fundamentos secundários (não menos importantes) fundados na própria natureza do ser humano: o intelecto e a vontade. Assegurado na justa medida o livre-arbítrio humano, tem-se o alicerce para se falar em moralidade humana.

O quarto artigo discute o conceito de religião dentro do modo singular do pensamento de Thomas Hobbes sobre a natureza humana e sua particularidade chamada "semente da religião". Lutando contra as obscuridades que viu sobre os ensinamentos escolásticos de sua época, excesso de superstição e falta de razão na filosofia e na religião, Hobbes considera a ciência e a metodologia como uma saída dessa situação. Ele não contrastava o conceito de religião como superstição com a ideia negativa de "nenhuma religião", mas com o conceito de "religião

verdadeira". Uma filosofia moral deve estar enraizada nas leis da natureza; deve ser uma busca persistente pela verdadeira religião a ser descoberta pela razão natural, pela liberdade do homem diante de Deus e das leis da natureza.

A "questão de Deus" na filosofia é o tema do quinto artigo. Trata-se de uma confrontação crítica que o filósofo Lorenz Puntel, com sua filosofia estrutural-sistemática, elabora sobre essa questão a partir do pensamento de Heidegger, demonstrando as contradições e inconsistências que dificultam a adequada abordagem e compreensão filosóficas do grande tema "Deus", e isso especialmente pela falta de uma teoria abrangente do Ser como tal e no seu todo tal como ele (Puntel) propõe.

O sexto artigo retoma e aprofunda eclesialmente o inalienável compromisso cristão para com os pobres. O Papa João XXIII, às vésperas do Concílio Vaticano II, havia manifestado o seu desejo de uma "Igreja dos pobres". Ao final do Concílio (1965), um grupo de padres conciliares decidem fazer um pacto visando ao ideal do Papa. O chamado Pacto das Catacumbas impunha aos bispos a busca de uma vida pobre ao lado dos pobres. A opção preferencial pelos pobres foi assumida pela igreja latino-americana em sintonia com o espírito do Concílio Vaticano II. Recentemente (2019) uma atualização daquele pacto foi realizada: o Pacto da Catacumbas pela Casa Comum: a terra como novo rosto dos pobres. Sua singularidade faz referência ao magistério do Papa Francisco, que, desejoso de uma "Igreja pobre e para os pobres" inseriu a terra, nossa Casa Comum, no rol dos pobres abandonados e maltratados.

Na esteira do pontificado de Francisco, o sétimo artigo "O Papa do fim do mundo", aprofunda aquelas influências teológicas, a saber, a Teologia do Povo e Teologia da Libertação, na medida que elas efetivamente tomam corpo nas metas pastorais de seu pontificado e também oferecem um horizonte para a maneira de Francisco perceber os desafios globais de hoje. Elas ilustram de maneira significativa as preocupações do Papa Francisco e são o cerne de sua evangelização marcada tanto pela denúncia das estruturas de exploração quanto pela proximidade aos esquecidos da história.

Os esquecidos da história são os mais vulneráveis. "Os apelos do Magistério do Papa Francisco para uma Igreja em comunhão com os mais vulneráveis" constituem o tema do oitavo artigo. Estes apelos, tão presentes em seus discursos, convocam a Igreja povo de Deus a responder de modo concreto aos clamores da realidade dos "descartados do mundo". O leitor é convidado a refletir sobre o atual contexto de marginalização e exclusão social e a esperada atitude evangélica dos cristãos em termos de solidariedade e comunhão com a vida dos vulneráveis.

O nono e último artigo nos convida a conhecermos melhor a conflituosa realidade sociopolítica da Colômbia e as dificuldades de se pensar teologicamente uma ética cristã em meio à uma situação marcada por embates armados e olhares desesperançados. As quase nove milhões

de vítimas por causa do conflito armado, o deslocamento interno forçado de mais de sete milhões de pessoas ou o assassinato de quase seis mil lideranças sociais, desde a década dos anos oitentas no país, deveriam ser mais do que escandalosas cifras, lamentáveis índices globais, simples elementos de belas prosas dramáticas ou meros dados para exímias pesquisas acadêmicas. “Se fizéssemos um minuto de silêncio por todas as vítimas, estaríamos em silêncio durante dezesseis anos” (ROUX, F.). Essa inquietação, quando fundada na dimensão ética da espiritualidade, deverá experimentar-se na tendência profunda que impulsiona o ser humano a sentir compaixão pelo sofrimento do irmão. O maior problema da paz na Colômbia, diz o autor, é espiritual. O artigo ressalta o caminho que vai da religião à fé e da fé à espiritualidade. Algumas experiências comunitárias de fé e as buscas espirituais acontecidas em diversos lugares do território colombiano surgem aqui como sinais de esperança e caminhos para a paz.

Assim temos um amplo panorama temático filosófico-teológico. Desde a construção da vida social, os impasses do neoliberalismo, o lugar da liberdade humana, da religião, de “Deus”, do compromisso com os empobrecidos e vulneráveis até os grandes desafios sociais, econômicos e ecológicos da atualidade, quer vistos em perspectiva global, quer situados num contexto histórico particular como o da Colômbia, são temas que dão o que pensar.

Agradecemos aos nossos estudantes pela generosa colaboração e desejamos que as nossas pesquisas filosóficas e teológicas somem força às pesquisas científicas em prol da vida e da dignidade do ser humano a fim de que possamos caminhar juntos na construção da paz e de alternativas humano e ecologicamente mais sustentáveis.

**Luiz Carlos Sureki, Cláudia Oliveira e Washington Paranhos**